Os netos de Camillo

Alberto Pimentel

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Os netos de Camillo

Alberto Pimentel

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano

Notas de transcrição:

O texto aqui transcrito, é uma cópia integral do livro impresso em 1901.

Foi mantida a grafia usada na edição original de 1901, tendo sido corrigidos apenas pequenos erros tipográficos que não alteram a leitura do texto, e que por isso não foram assinalados.

ALBERTO PIMENTEL

Os Netos de Camillo

LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

R. Augusta, 91

TYPOGRAPHIA

35, R. Ivens, 37

MDCCCCI

OS NETOS DE CAMILLO

[Ilustração: CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Copia de um retrato a crayon que pertence aos netos do grande escriptor)]

ALBERTO PIMENTEL

Os Netos de Camillo

Das flôres surgirão pomos?... Se Deus regar os arbustos!

TOMAZ RIBEIRO.

LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

R. Augusta, 91

TYPOGRAPHIA

35, R. Ivens, 37

MDCCCCI

[Ilustração: D. ANNA ROSA CORREIA]

OS NETOS DE CAMILLO

Fui hontem, 20 de agosto, a S. Miguel de Seide fazer uma romagem de saudade.

Quando Camillo era vivo, sempre que eu vim a Santo Thyrso não deixei nunca de visitar o grande romancista na sua melancolica Thebaida.

Agora que elle é morto e repousa longe, no cemiterio da Lapa, fui em peregrinação devota contemplar o tumulo em que viveu e agonisou: a casa solitaria de Seide, onde cada pedra parece ser um epitaphio que

chora resignadamente por elle no silencio e na mudez de uma aldea minhôta.

Esta casa, a que o proprio Camillo chamou «o albergue arruinado de S. Miguel de Seide», é uma reliquia historica, um monumento nacional, como a casa de Shakspeare em Stratford-sur-Avon ou como a casa de Goethe em Francfort.

É ou deve ser.

Para mim tem o que quer que seja de venerando, como um castello desmantelado, onde a nossa gente tivesse ganho outr'ora cem victorias gloriosas, de que eu proprio houvesse sido testemunha...

Sahi de Santo Thyrso ao amanhecer e almocei em Landim.

Devo ao sr. Adriano Trêpa, meu presado amigo, a honra de acompanhar-me.

Vi de passagem a cêrca do antigo mosteiro de Landim, hoje propriedade da familia Leal e Sousa.

Um filho do dono da casa, o sr. Manuel Vicente Leal, que ia a sahir n'esse momento, retrocedeu de bom grado para nos servir amavelmente de cicerone.

Eu, quando viajo, não gosto de fazer prevenções, nem aos outros, nem a mim proprio. Sou o viajante mais despreoccupado que pode haver; entrego-me inteiramente ao acaso, e sempre me tenho dado bem com isso.

A cêrca do mosteiro está transformada; poucos vestigios restam ainda do tempo dos frades. Ha trechos de buxo em algumas ruas, e «o jogo da bola», que era vulgar nos conventos do sexo masculino, subsiste

menos mal conservado.

As freiras, se cultivavam este jogo, era no plural...

Já posteriores á extincção das ordens religiosas, vi carvalheiras enormes, medindo de circumferencia mais de quarenta palmos. Uma d'ellas fôra lascada por um raio, de alto a baixo. Vi tambem, digna de menção, uma rua de australias, arvores cujo cerne imita o pau preto e é, por isso, madeira apreciada.

Conversando com o sr. Manuel Vicente, perguntei-lhe se Camillo teria phantasiado muito a respeito do _Cego de Landim_.

--Nada, absolutamente. Camillo ainda não disse tudo. O «cego» era um perverso homem.

--E onde morava aqui?

--N'uma casa por detraz d'aquella capella.

Indicou-me a capella de S. Braz, onde todos os annos se realiza uma pomposa festa, com arraial e feira.

Tambem o sr. Manuel Vicente me indicou o antigo collegio de Landim, em que foram educados muitos rapazes do Minho, que hoje são honra e brilho da sua provincia.

O sr. Trêpa e eu fomos almoçar á estalagem do Rodrigues, n'uma varanda envidraçada, que dava sobre campos emplumados de basto arvoredo.

Notei que Landim é uma terra abundante de alfaiates. Só á porta de uma casa, vi sete trabalhando ao ar livre; fizeram-me lembrar a historia dos sete alfaiates lendarios, que foram precisos para matar uma aranha.

Mal acabamos de almoçar, partimos para Seide, onde chegamos perto das dez horas da manhã. O sol tinha já descoberto; a nevoa, que havia sido intensa, dissipara-se completamente.

* * * * *

Os meus olhos esperavam avidamente o momento de avistar a casa que fôra de Camillo.

Tomados de um instinctivo respeito, iamos ambos calados, o sr. Trêpa e eu.

De repente, surgiu-nos o portão ensombrado por duas grandes acácias, que pendem sobre elle.

--É ali! disse eu.

--É ali! repetiu o sr. Adriano Trêpa.

E, passando respeitosamente por deante do portão, que dá para o largo da egreja parochial, dirigimo-nos á casa onde actualmente residem os netos de Camillo, a dois passos de distancia.

Toda a gente se lembra ainda da deploravel questão que, a meu pezar, sustentei com o visconde de S. Miguel de Seide, segundo-genito de Camillo, sobre a existencia de uma filha natural do grande romancista, casada no Porto.

Tive receio de que a recordação d'essa acerba polemica estivesse ainda muito viva no espirito da sr.ª D. Anna Rosa Corrêa.

Adoptei por isso a precaução de apresentar-me sob o nome que primeiro me lembrou, ao solicitar o obsequio de ser recebido como admirador fervoroso de Camillo.

Acolheu-me gentilmente a dona da casa, que immediatamente chamou alguns de seus filhos, não todos, porque dois d'elles, Camillo e Manuel, tinham sahido pela manhã.

Notei que por vezes a sr.ª D. Anna Corrêa, mãe d'aquellas creanças herdeiras de um nome glorioso e de pouco mais, me observava com certa curiosidade.

Soube comtudo manter-se n'uma discreta reserva, não arriscando duvida alguma sobre a minha identidade.

Fingiu acreditar que eu era «um Araujo» admirador de Camillo, desejoso de conhecer os netos do grande romancista e de visitar a casa onde elle morreu.

Apresentou-me Flora, sua filha mais velha, quinze annos de idade, alta e elegante como um pinheiro novo, de uma simplicidade de maneiras ao mesmo passo graciosa e senhoril; e Rachel, quatro annos mais nova, cujo vago olhar revela morbidez e melancolia.

--Esta menina, disse-me a sr.ª D. Anna Corrêa, era a predilecta da avó.

--Aventuro-me a conjecturar, respondi eu, que o nome de Rachel foi escolhido por Camillo.

--Isso mesmo... confirmou a minha amavel interlocutora esboçando um sorriso. Nós queriamos que se chamasse Anna, como a sr.ª viscondessa, mas o sr. visconde (Camillo) oppoz-se, dizendo que esse nome era infeliz na familia. Referia-se á sr.ª viscondessa e a mim...

--Rachel, observei eu, exprimia na vida de Camillo a saudade do passado. Com esse nome foi designada a sr.ª D. Anna Placido em

muitos dos versos amorosos que ella lhe inspirou.

--Exactamente. É verdade.

Apresentou-me depois os restantes filhos que estavam em casa: Nuno e Simão, em cujas physionomias, doces e intelligentes, prevalece um accentuado typo de familia.

--Simão, observei eu, tambem foi um nome intencionalmente escolhido.

A sr.ª D. Anna confirmou com um gesto.

--É o do protogonista do _Amôr de perdição_, acrescentei. Oxalá que este menino seja mais feliz.

* * * * *

Como eu tivesse insistido no desejo de vêr o pequeno Camillo, por saber que era o neto querido do avô, foram procural-o emquanto conversavamos a respeito de seus irmãos.

E iamos já a sahir em visita á casa onde o grande Camillo morreu, quando appareceu o joven Camillo, denunciando um certo ar de extranheza no olhar suavemente penetrante e perspicaz.

--Este menino, disse-me a sr.ª D. Anna, nasceu a 16 de maio de 1888, no mesmo dia em que o avô fazia annos. Nos _Amores de Camillo_ vem esta observação, que é exacta.

Procurei mostrar-me indifferente á citação do meu livro, comquanto me fosse agradavel a certeza de que a sr.ª D. Anna Corrêa o conhecia e indicava como fonte auctorisada em minudencias biographicas.

A physionomia do pequeno Camillo é, em verdade, a mais expressiva

entre todos os netos do grande romancista.

Essa creança revela uma luminosa precocidade de intelligencia. Não sendo robusto, como nenhum dos seus irmãos o é tambem, parece mais debil e menos expansivo que elles. Tem o que quer que seja de gravidade prematura quando escuta enconchando a mão sobre a orelha direita, porque padece de dureza de ouvido, como seu irmão Nuno. Tudo faz esperar que elle seja o continuador da gloria literaria do avô. Esta convicção parece estar arreigada no espirito de toda a familia, que a recebeu do grande romancista, o qual dizia muitas vezes ao pequeno Camillo:

--Se eu tornar a vêr, vou comtigo para Coimbra.

Apezar dos escassos recursos de que a sr.ª D. Anna Corrêa dispõe, julgou seu dever não se poupar aos maiores sacrificios para iniciar convenientemente a educação d'este filho.

O pequeno Camillo estuda em Braga, onde vae cursar agora o terceiro anno do curso geral dos lyceus.

* * * * *

As terras de Seide não podem abastar ao sustento e educação de tão numerosa prole. Dariam regular passadio para uma ou duas pessoas, apenas. Mas para educar tantas creanças não chegam. De mais a mais estão oneradas com um pezado fôro de setenta razas de milho alvo e centeio, pago annualmente ao abbade, e com os juros de uma hypotheca á Misericórdia de Villa Nova de Famalicão. São terras sêccas e por isso pouco fecundas: apenas alli tem maior valor a casa de habitação, que foi mandada construir pelo visconde de S. Miguel de Seide, e que é muito superior em capacidade e aspecto áquella em

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com